

CARINA RISSI

indomada

Os laços inquebráveis do amor

UM LIVRO DA SÉRIE

perdida

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Prólogo

A admirando a maneira como os raios de sol cintilavam nas gotículas de orvalho penduradas nas rosas polpudas, eu caminhava pelo jardim em frente à casa, me deliciando com o perfume da primavera carregado pelo vento. Parei diante da roseira e me inclinei para inspirar o aroma de uma das flores. No momento em que meus dedos tocaram a pétala aveludada, ela se desprendeu, flutuando no ar por um instante e então caindo em um zigue-zague até se aninhar na grama verde brilhante. Ao atingir o solo, o tom da pétala instantaneamente se alterou do mais intenso rubro para um ressequido marrom-alaranjado, que se espalhou pela grama drenando a cor, o viço, até se transformar em um triste e espetado tapete amarelo. Retrocedi alguns passos, observando o cinza assustador tingir minhas unhas, avançar para as mãos e subir pelos pulsos.

— O quê...? — Alarmada, chacoalhei os braços e sem querer esbarrei em outra flor. Mais uma pétala se soltou. E então muitas.

Girei sobre os calcanhares pronta para correr, mas minha saia enroscou em um dos galhos agora seco. O tecido também começou a empalidecer. Agarrei minha roupa, puxando-a num frenesi tresloucado. O problema foi que, quanto mais eu forçava, mais depressa o cinza se espalhava pelo vestido.

Elevei o rosto, pronta para gritar por ajuda, porém minha voz ficou presa na garganta ao avistar meu marido a três passos de mim, me observando de um jeito tristonho. Por que Ian ficava ali, parado, sem fazer nada? Por que não vinha me socorrer?

Incrédula, assisti a Ian me dar as costas e se afastar ao mesmo tempo em que eu era arrastada pelo galho da roseira...

— Não! — Abri os olhos, o coração ameaçando cavar buracos por entre as costelas.

Foi só um sonho ruim. Só um sonho muito ruim.

— Ian, tá acordado? — Tateei os lençóis à procura do corpo quente do meu marido. Em vez disso, toquei apenas tecido frio.

Trêmula, afastei os cabelos do rosto e me estiquei para acender a vela sobre a mesinha de cabeceira. Sem querer esbarrei em alguma coisa, que tombou no chão com um baque surdo. A chama explodiu no aposento, tingindo de dourado o tecido estampado em tons de verde e lilás do dossel da cama, a poltrona cor de aveia, a penteadeira em arco onde mais livros se empoleiravam, assim como a cômoda e a escrivaninha atulhada de cadernos. O vestido azul-claro continuava pendurado no mancebo, o delicado perfume de lavanda se misturando ao aroma pungente de nanquim. Eu me curvei para apanhar o livro que derrubara, desenhando o título em alto-relevo com a pontinha do indicador, e quis chorar.

Então não tinha sido só um pesadelo.

O desespero e o terror profundo se manifestaram em meu corpo como uma dor física nauseante.

Me abraçando ao volume, desci da cama, parando diante da janela para observar a lua alta no céu iluminando a paisagem. Esperei avistar minha filha saindo do bosque, caminhar em direção à casa, um sorriso nos lábios. Contudo, nada se movia lá fora, as folhagens estáticas como se o ar tivesse cessado. Nem mesmo os pássaros noturnos se arriscavam em um voo ou um canto. Era como se o mundo prendesse o fôlego.

Eu prendia.

Já a teriam encontrado àquela altura?, eu me perguntei, pressionando o exemplar de *A princesa prometida* contra meu coração assustado. Ela estaria bem? A salvo? Por que ninguém mandara notícias ainda?

Se ao menos houvesse um meio mais eficiente de procurá-la. Poxa vida, se os carros já tivessem sido inventados em 1852 — ou o celular — eu não estaria ali agora, sem nada a fazer além de rezar e aguardar por uma pista do paradeiro da minha filha.

Com o livro contra o centro do peito, ainda queimando com as batidas irregulares, cerrei as pálpebras bem apertado.

— Por favor, ajude — supliquei em voz alta, não pela primeira vez. — Por favor, ajude minha filha como fez comigo.

Como das outras vezes, tudo o que obtive foi silêncio. Nada de luzes, explosão mágica, nada de nada. Apenas o mais absoluto vazio.

Aninhei o livro sobre o travesseiro e apanhei a vela antes de sair do quarto de minha filha, atravessando o casarão a passos rápidos. Eu precisava de um pouco de ar ou acabaria enlouquecendo. Ignorei a porta do meu quarto — meu e de Ian — e a claridade sob o painel de madeira ao passar por ela, indicando que o homem ali dentro também estava acordado. Fui tomada pelo desejo desesperado de me juntar a ele e me encolher em seu colo. Já não era mais assim.

Mais cedo naquele dia, ele me acusara de abandoná-lo outra vez, mas não era verdade. Ian me abandonara primeiro.

Não me surpreendi ao chegar à cozinha e divisar a figura magra meio encurvada diante do fogão, a touca encobrendo a careca lustrosa. Parecia intrigado com o fato de a chaleira continuar fria sobre a chapa do fogão a lenha. Especulei quanto tempo levaria para ele perceber que na fomalha havia apenas cinzas.

Do alto de seus oitenta anos, seu Gomes tinha uma saúde invejável. Por infelicidade, o mesmo não podia ser dito da visão, e era inteligente não tocar no assunto. O orgulhoso mordomo, que havia muito tempo eu considerava um avô querido, era bastante sensível quanto à catarata avançada e se recusava a se aposentar ou aceitar os óculos que Lucas aviara para ele. Ao menos seu Gomes não fizera um carnaval quando sugerimos que ele e Madalena voltassem a viver na casa principal. Dessa forma Ian e eu podíamos tomar conta deles, já que ambos haviam demitido todos os seis ajudantes contratados para auxiliá-lo nas tarefas da casa.

Eu me recostei na longa mesa de madeira e descansei a vela no tampo, observando o idoso, ainda mais esquelético dentro do roupão grosso listrado, abrir o guarda-louças à procura de uma xícara e sair de lá com uma molheira.

— Quer ajuda, seu Gomes?

Ele girou, espremendo os olhos em minha direção, o nariz franzido, e abriu aquele sorriso enrugado que eu tanto adorava.

— Ah, sra. Clarke, não é necessário. Tenho tudo sob controle. — Apanhou mais uma peça (uma pequena tigela).

— Nenhuma notícia ainda? — especulei por mera formalidade. Eu já sabia a resposta.

E ali estava ela, aquela expressão pesarosa.

— Lamentavelmente não, senhora. Imaginei que também não conseguiria dormir.

— Tá tudo silencioso demais esta noite. — Passei os braços ao redor do corpo.

— Não no meu quarto. A senhora minha esposa ronca que é uma beleza.

Um ruído semelhante ao de um trator velho necessitando com urgência de reparos penetrou a cozinha, confirmando a história.

— Quer seu chá com açúcar ou puro? — ofertou.

— Eu acho que preciso de alguma coisa mais forte.

Ele arqueou uma das sobrancelhas totalmente brancas e foi educado em não fazer nenhum comentário. Antes que eu pudesse pegar a garrafa de vinho do porto na cristaleira, ele tateava uma prateleira alta ao lado da mesinha de apoio de ferro, um cotovelo esbarrando em uma caçarola pendurada no suporte suspenso. Ao arrastar as pantufas de camurça forradas de pelos para a mesa, tinha um cálice de cristal e uma garrafa de azeite nas mãos.

— O patrão também está acordado. Recusou tudo o que eu ofereci. Pobre homem. — Ele sacudiu a cabeça, me servindo um cálice do óleo. — Eu só o vi prostrado dessa maneira uma vez, mais de duas décadas atrás, após a senhora desaparecer da vida dele sem nenhuma explicação.

Puxei a cadeira e me acomodei, mantendo a vista fixa na chama da vela, a mente viajando para duas décadas antes, quando eu fora forçada a retornar ao século XXI — aquele em que nasci— e passara o tempo todo procurando um jeito de voltar para Ian. Ainda me lembrava da dor, do desespero, da impotência...

Balancei a cabeça.

— Não posso pensar nisso agora, seu Gomes. Não enquanto não tiver notícias da minha filha.

— Ela também é filha dele. Minha querida, vou repetir o que eu disse ao seu marido ainda há pouco. A senhora acabou encontrando o caminho de volta. Ela é sua filha, e vai fazer o mesmo. Ela vai voltar para casa. Confie nisso.

Eu esperava que ele tivesse razão, porque não sabia o que seria de mim se ela não... Meu Deus, eu nem conseguia pensar na possibilidade.

— Devia falar com seu marido — ele sugeriu. — Ele precisa tanto de você neste momento quanto você dele, Sofia.

— Não é tão simples. Não mais.

Com um suspiro, ele arrastou a cadeira, antes de se abaixar nela com um gemido prostrado.

— Sabe o que eu aprendi em todos esses anos com a minha Madalena? Nós nos apaixonamos pelas pessoas e pelas falhas delas. — Sua mão encarquilhada e áspera encobriu a minha. — Ele é humano e, como o restante de nós, passí-

vel de cometer erros. Sei que está habituada a enxergar seu marido como se fosse um deus. Só não se esqueça de que ele é apenas um homem tentando fazer o melhor que pode.

— Ele me machucou, seu Gomes. De verdade.

— E você nunca o feriu?

Mordi o lábio inferior, irritada por ele ser tão sábio.

Apoiando-se no meu ombro para ficar de pé, ele me apertou com gentileza.

— Boa noite, sra. Clarke.

— Boa noite, seu Gomes. Valeu pelo azeite.

Ele parou de andar, me observando por sobre o ombro.

— A senhora continua dizendo coisas que eu não compreendo. — Abanou a cabeça antes de me deixar sozinha com meu azeite.

Observei o líquido viscoso como se pudesse avistar no fundo do cristal a solução para os meus problemas. É óbvio que eu sabia que não encontraria nada ali.

Talvez porque seu Gomes tivesse sugerido, talvez porque fosse o que meu coração implorava incessantemente, eu me levantei com um impulso e disparei para fora da cozinha, correndo pela casa sem me dar chance de pensar no que fazia, indo para onde eu queria estar.

Contudo, ao me plantar diante da porta do nosso quarto, a mão pronta para bater, eu vacilei.

Falar com Ian — estar com ele — era o que eu mais desejava. Ou o que metade de mim queria, pelo menos. Sim, eu estava louca para abrir aquela porta, me aninhar no abraço reconfortante do meu marido, me sentir segura de novo e ouvi-lo dizer que tudo ficaria bem. O problema estava na outra parte minha... a machucada e ferida de morte, ainda soluçando sobre os cacos do que restava do meu coração.

Recolhi a mão, dando um passo para trás. Cheguei a andar por dois metros antes de o *clique* sutil da maçaneta reverberar pelo corredor escuro.

— Sofia. — A voz de Ian espiralou no ar e veio me abraçar. — Alguma notícia?

Prendi o fôlego antes de me virar para o homem que eu amava iluminado por um feixe de luz bruxuleante que escapava do quarto. Ele ainda estava vestido com as roupas da noite anterior, embora o casaco e a gravata tivessem sumido. Ele deixara os primeiros botões da camisa desabotoados, as mangas enroladas até a altura do cotovelo, o cabelo da cor de nanquim em uma bagunça devido às inúmeras vezes que correria uma das mãos por ele. Ian sempre fazia isso quando estava nervoso ou tenso.

Era de esperar que após vinte e dois anos ao seu lado eu já estivesse acostumada aos efeitos de sua presença, mas não. Eu ainda sentia tudo: os tremores, as palpitações, o fogo nas entranhas. Mesmo naquele instante, machucada a ponto de não conseguir respirar, ele ainda me deixava fora de órbita.

— Não. Nenhuma notícia ainda — respondi.

A angústia nublou sua expressão e eu desviei o olhar para meus dedos entrelaçados na altura da barriga. Não ia suportar se ele também desmoronasse.

— Não vamos perder a fé. — Ouvi o farfalhar de suas roupas conforme ele chegava um pouco mais perto. — Alguém deve aparecer com novidades a qualquer momento.

Ian ficou em silêncio por tanto tempo que tive de espiá-lo. Parecia esperar a visão se ajustar à semipenumbra, e, assim que aconteceu, meu marido escrutinou cada linha em meu rosto, o maxilar endurecendo diante do que via.

— Você parece exausta — constatou, melancólico. — Devia tentar descansar um pouco.

— Não consigo. Sou assombrada por pesadelos toda vez que fecho os olhos.

Estendendo o braço para afastar uma mecha dourada que me caía na lateral do rosto, ele a enroscou atrás da orelha com o mais delicado dos toques.

— Eu quis dizer que devia descansar um pouco aqui, em nosso quarto. Comigo. — Sua voz baixou várias oitavas ao acrescentar: — Me deixe tomar conta de você, Sofia.

— Como fez nos últimos vinte anos? — ironizei. — Ou podemos chamar o que fez pelo nome real: uma grande mentira.

Ele soltou um suspiro magoado, a mão caindo ao lado do corpo.

— Eu não contei tudo o que sabia, não é o mesmo que mentir. Ou não contei o que pensava que sabia. Não passava de deduções. Como eu poderia ter certeza? Antes de você, eu não sabia que coisas como Alexander existiam.

— Antes de encontrar você eu também não sabia! — retruquei, furiosa. — Mas ele existe. Sabe o que eu mais odeio? Lembrar do seu sorriso toda vez que eu notava sua inquietação e perguntava o que estava acontecendo, e você me respondia “não é nada”, quando na verdade era tudo. Você quebrou a promessa que me fez tantos anos atrás, de nunca mais guardarmos segredos um do outro. Você a quebrou... — Minha voz falhou. Limpei a garganta. — Ainda não sei se o que mais me machuca é você ter me enganado todo esse tempo ou a descoberta de que é capaz de mentir para mim sobre um assunto tão importante.

— Sofia... — Ele tentou me tocar.

Eu recuei.

— Você não tinha o direito de esconder de mim, Ian. Mesmo se não tivesse certeza, mesmo se fossem apenas suspeitas, devia ter me contado, dividido o medo comigo, me alertado.

Consternado, ele pressionou a ponte do nariz entre o polegar e o indicador.

— Inferno, Sofia! E de que isso serviria, além de que ambos teríamos passado as últimas duas décadas sem dormir?

— Eu teria preferido isso a ficar no escuro. — Empinei o queixo, lutando para manter sob controle a umidade em meus olhos. — Por mais que a verdade doa por um tempo, a mentira dói muito mais e para sempre. Você é tão pai dela quanto eu sou mãe, e não tinha o direito de esconder de mim algo dessa proporção. Droga, você é meu marido! Meu amante, meu melhor amigo. Pensei que eu fosse tudo isso para você também.

Meio fora de si, ele esfregou o rosto com as duas mãos.

— E você é! Pelo amor de tudo o que é mais sagrado, não pode duvidar disso. Tudo o que eu fiz foi tentar protegê-la do pavor de algo que podia nunca acontecer.

— Só que aconteceu! E agora nossa filha sumiu do mapa, e nem eu nem você podemos fazer merda nenhuma, porque você decidiu “não contar tudo o que sabia”, droga! — Perdi a batalha, e as lágrimas desceram pelas minhas bochechas.

O pomo em sua garganta convulsionou conforme ele engolia grosso, e abriu os braços para me abraçar. Eu me afastei, testemunhando a dor se assentar em cada célula dele.

Merda. Apesar da angústia e fúria que me atravessavam o peito, a última coisa que eu queria era magoar Ian.

— Olha, acho que agora não é o melhor momento para discutirmos qualquer assunto. — Massageei a têmpora latejante. — Não até nossa filha voltar pra casa.

— Tem razão. — Ele me encarou, a determinação pulsando na maneira como trincava o maxilar. — Mas saiba que eu não vou desistir de nós assim tão facilmente.

Depois de me observar por mais um instante, ele deu a volta e retornou para o quarto, deixando a porta escancarada; um convite para que eu me juntasse a ele. Meus pés se rebelaram, loucos para segui-lo; ameacei cortá-los caso não estacassem. O medo do que poderia ter acontecido à nossa filha, a raiva e o rancor que eu sentia com as mentiras de Ian... Havia coisas demais acontecendo dentro de mim.

Envolvei os dedos ao redor dos pingentes pendendo entre os seios, no relicário que guardava os retratos de minhas filhas ainda crianças, e o elegante I que ganhei de Nina pouco antes de abandonar toda a modernidade dos anos 2010 e voltar para Ian. Como eu queria falar com minha melhor amiga. Mesmo sem saber nada sobre ela nas últimas décadas, eu ainda a sentia por perto, e nem era pelo fato de minha primogênita ter o mesmo nome e apelido da garota que estivera ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida no século XXI.

Eu não podia ouvi-la, porém ainda existia um jeito de Nina me escutar. Uma pequena brecha nas regras que eu quebrara durante os últimos vinte e dois anos.

Fazendo a volta, retornei ao quarto de Ana Laura. Em vez da cama, fui vasculhar a pequena escrivaninha, revirando as gavetas até encontrar papel e um grafite pela metade. Puxei a cadeira e me acomodei, me conectando à amiga que deixei no mundo em que nasci.

Querida Nina,

Preciso de ajuda. Eu queria muito que fosse possível a qualquer momento uma ponte se abrir entre seu mundo e o meu. Eu sinto sua falta, minha amiga. Escrever faz com que eu te sinta por perto, e, se eu fechar bem os olhos, quase posso ouvir sua voz aqui comigo. É preciso mais do que nunca te ouvir.

Te escrevo porque ficar parada, sem fazer nada, vai acabar me enlouquecendo.

Ian e eu estamos... Ah, eu não sei o que estamos. Eu ainda o amo com a mesma loucura que me fez abandonar tudo o que conhecia para viver com ele no passado. É sei que ele me ama com a mesma intensidade, ou até com mais, de vinte anos atrás. O problema é que meu marido me magoou tão profundamente que me sinto como um nervo exposto e partido, sobretudo agora que minha filha... Deus, eu nem consigo escrever!

Eu sei melhor do que ninguém que muitas vezes a vida apresenta desafios insuportáveis — deixar você para trás foi um deles, minha amiga. Esse

tempo todo tentei proteger minhas filhas do mundo, como qualquer mãe, preparando as duas para abrir as asas e desbravar o mundo sozinhas.

Putá merda, tudo sempre foi mais fácil quando elas eram pequenas e minha preocupação se resumia a um joelho ralado (no caso da Nina) ou a conseguir um livro novo sobre a vida dos anfíbios (no caso da Ana). As coisas no século XIX são difíceis para uma garota, e elas não são o que podemos chamar de garotas tranquilas.

Eu sei. Quase posso ouvir sua risada. Sendo minhas filhas, nada nelas seria tranquilo, né? Eu meio que esperava por isso; até porque, enquanto cresciam, elas deram mostras de que não vieram ao mundo pra brincadeiras. Principalmente Marina. Eu passei esse tempo todo me preparando pra me preocupar com ela. Afinal sua xará é uma espécie de flautista de Hamelin, só que, em vez de ratos, Nina atrai problemas por onde passa. Todo tipo de problema.

Não me lixei que devia ter ficado de olho na Ana também. Infelizmente, minha caçula descobriu do jeito mais difícil que sob o céu azul infinito existe um abismo.

No fim das contas, não adiantou nada eu ter passado uma vida toda tentando poupá-las da feiúra do mundo. Eu não tinha como saber que não ia adiantar nada, porque algo estava vindo no caminho de uma delas, impiedoso e com o mesmo poder de destruição de um furacão.

Eu sempre soube de tudo. E nunca me disse uma palavra a respeito. E agora minha filha sumiu, e eu não consigo respirar. É como se meus pulmões se recusassem. Tento pensar que eu ensinei a ela tudo o que sei, e que seja lá o que esteja acontecendo ela vai conseguir sair dessa, mas não consigo parar de sentir esse aperto no peito e...

Senti a visão embaçar, uma lágrima manchando a última linha, mas não me importei. Eu não via nada além de memórias se desenrolando em minha mente, do dia em que tudo começou a dar errado. Não fazia tanto tempo. Foi no aniversário de vinte anos de Ana, no mês anterior, e, ainda assim, parecia ter acontecido em outra vida. Uma vida em que Ian e eu ainda partilhávamos a mesma cama, não havia segredos entre nós — ao menos eu pensava não haver — e minha filha estava segura.

*É melhor se sentar em um canto confortável,
minha amiga, e talvez queira pegar uma bebida
— sei que eu vou precisar —, porque esta vai
ser uma conversa muito, muito longa.*

1

Eu me lembrava daquela manhã em todos os detalhes. Fomos acordados por Isaac de madrugada — uma égua entrara em trabalho de parto e as coisas se complicaram. Ian foi socorrer o animal, e eu saí da cama sem esperar que o sol despontasse no céu para me preparar para mais um dia na fábrica. Uma remessa de xampus e sabonetes precisava ser despachada para o porto. Quanto antes eu resolvesse, antes poderia voltar para casa e aproveitar o aniversário da minha caçula. O aniversário de vinte anos de Analu. Vinte!

Era um choque toda vez que eu admirava minhas meninas agora tão adultas, tão diferentes quanto o dia e a noite, e de alguma forma tão parecidas. Marina era pura efervescência, com os cachos pretos indomados, o queixo bem desenhado dos Clarke, casando com seu gênio arredo. Já Ana Laura se assemelhava a uma brisa suave, cabelo loiro em um tom amanteigado, os traços delicados como todo o restante dela, porém a determinação estava lá, na maneira como as sobrancelhas se arqueavam toda vez que abria a boca. Havia tanto de Ian nelas. Muito de mim também. Mas eram as partes que elas mesmas moldaram conforme cresciam que mais me fascinavam. Meu coração estava repleto de um amor incondicional por aquelas duas jovens mulheres, e mal podia esperar para vê-las traçando os próprios caminhos — ainda que pensar nisso me assustasse como o diabo.

Limpa e vestida, saí do banheiro onde antes era o quarto conjugado — ah, as pequenas alegrias que a água encanada e uma privada podem proporcionar — e me sentei ao toucador para puxar os cabelos em uma trança, avaliando minha aparência no espelho. Gostei do que vi. Os cremes faciais Infinito andavam funcionando, conjecturei, terminando a trança e apanhando uma colher

para encaixá-la rente aos cílios, fazendo as vezes de curvex. As poucas linhas de expressão nos cantos dos olhos eram quase imperceptíveis. As ondas longas se mantinham comportadas graças aos tratamentos que eu vivia inventando na minha fábrica de cosméticos, e ela me deixava não apenas mais bonita, mas ridiculamente mais rica também.

Pousei a colher no tampo do toucador e me avalei de todos os ângulos. Uma linha branca reluziu entre os fios trançados. Imaginei que fosse um fiapo solto da toalha, ou mesmo do lençol, mas não. Era meu pior pesadelo: um cabelo branco.

— Quem deixou você se enfiar aí?

— Desculpe. Eu pensei que não precisasse bater para entrar no nosso quarto.

Eu me virei em tempo de ver Ian atravessar o vão da porta, a camisa enrolada até os cotovelos, suja de terra e outras coisas que eu preferia não saber o que eram. Meu coração deu um pulinho, como acontecia desde a primeira vez que o vi. Com toda sua altura, Ian ainda fazia o tipo esguio, com músculos nos lugares certos. Nada havia mudado nesse departamento. As sutis mudanças eram perceptíveis apenas nas linhas suaves ao redor dos olhos, no maxilar, que endurecera ainda mais, nos malares mais distintos. Ele nunca estivera tão sexy. Eu nem sabia que isso era humanamente possível!

— Eu não estava falando com você. Era com isto! — Apontei para a minha cabeça.

Curvando-se, Ian apoiou uma das mãos no toucador para examinar mais de perto o local que eu assinalava.

— O que eu deveria ver? — Ele apertou os olhos.

— Isto! Este cabelo branco desaforado!

Ian riu.

— Foi esse fiozinho solitário que te deixou transtornada?

— Não é um fiozinho solitário. É um pesadelo ondulado anunciando que seus companheiros estão por vir.

— E...?

Atirei as mãos para o alto, e elas caíram sobre minhas saias com um estalo agudo.

— É fácil para você, que é homem e não tem nenhum ainda. E, mesmo se tivesse, ninguém ligaria. Ao contrário, as pessoas diriam que fica charmoso, que dá um ar mais refinado, blá-blá-blá. Agora, sabe o que dizem das mulheres grisalhas? Que são desmazeladas, desistiram da vida, não têm vaidade... É a coisa mais hipócrita do mundo.

— Concordo. — Ele sapecou um beijo em meus lábios antes de endireitar a coluna e ir até o aparador, derramando a água do jarro dentro da tigela de porcelana. — Por isso mesmo você deveria ostentá-lo com orgulho e anunciar ao mundo que faz as suas próprias regras, como sempre fez.

Droga, eu detestava quando ele usava minha própria lógica contra mim.

Girei na banquetta para observá-lo.

— Estou um pouco cansada disso, sabe? De matar um leão todo dia. Já não basta o que preciso ouvir de certos clientes idiotas. “Onde está seu sócio, sra. Clarke?” — imitei. — “Uma dama não pode ser a responsável por uma empresa de sucesso como essa, sra. Clarke. É óbvio que algum cavalheiro está por trás de tudo.” “É muito espirituosa, sra. Clarke. Mas não me engana. Mande chamar o verdadeiro dono da fábrica.” É um milagre eu ainda estar em liberdade.

Eu amava tudo a respeito do meu trabalho. As dores de cabeça com prazos, estoques, entregas, problemas no porto. Eu me sentia útil, viva e capaz. Apesar do orgulho que Ian sentia da minha conquista, eu sabia que comentários desafortunados o perseguiam. Certamente sabia. Assim como eu também os ouvia, e até os empregados da casa. Às vezes eu me perguntava se não estava exigindo muito dele. Estávamos no século XIX, afinal.

A essa altura, Ian se sacudia todo com a gargalhada.

Fechei a cara.

— Você não vai rir quando for me visitar na cadeia por ter assassinado um dos meus clientes. Ou vários. Vai ver eles são os responsáveis por este cabelo branco enxerido.

Eu já podia prever o confronto com o meu mais novo fornecedor. Seu Rui Afonso, dono da fazenda Céu Azul e um dos maiores produtores de amêndoas da região, tinha falecido havia três meses, e sua viúva decidira vender a propriedade. Eu podia apostar que o novo fazendeiro, seja lá quem fosse, criaria caso por negociar com uma dama, como acontecera com todos os outros fornecedores da Infinito. Era meio que um padrão por ali.

— Minha linda esposa, é apenas um cabelo branco. — Ele sorriu, as delicadas linhas que eu vira surgir uma a uma ao longo dos anos se acentuando. — E, se quer saber minha opinião, você ficará linda com um cabelo platinado tanto quanto agora, com as mechas douradas. Você é a mulher mais estonteante que eu conheço. E não vai ser um fio branco... ou muitos que vão me convencer do contrário.

Era melhor ele estar falando sério, a menos que eu descobrisse uma maneira de tingir o cabelo sem me envenenar com chumbo ou ácido sulfúrico. Ho-

nestamente, era um mistério como as mulheres daquele tempo embarcavam em ideias tão absurdas e perigosas.

Pela visão periférica, captei o lampejo do fio intrrometido no espelho. Bufando, escondi-o no meio de um gomo da trança e voltei a atenção para meu marido, e... Ah! Ian desabotoava a camisa suja.

Hora do show!

— Como foi o parto? — puxei conversa.

— Correu tudo bem, no fim das contas. Marina e eu conseguimos salvar mãe e filho. Temos um potro saudável e ávido por coicear alguém.

— Como Nina acabou no estábulo em plena madrugada?

Escorregando a camisa pelos braços fortes, ele a transformou numa bola e a usou para secar o suor empoçado no peito.

Era disso que eu estava falando!

— Ela me garantiu que escutou o lamento da égua — prosseguiu. — Eu diria que é pouco provável, contudo a ligação que ela tem com os cavalos... pode ser que tenha ouvido mesmo. — Deu de ombros. — Ela está limpando o potro agora.

— Madalena vai chiar se ela manchar outra camisa — pensei alto. — Storm deva estar bem orgulhoso da cria.

— Quase não cabia em si. Eu juro que ele sorriu enquanto assistia ao filhote tentar acertar a canela de Isaac. — Jogando a camisa no ombro, ele alcançou o sabonete, umedeceu-o e o girou entre os dedos longos. — A sra. Madalena me inquiriu a respeito do sabor do bolo para esta noite. Está desapontada por Ana Laura não estar mais entusiasmada com o baile.

— Madalena sabe que Ana não curte muito ser o centro das atenções, era esperado. Surpresa foi a Nina querer organizar o baile. Parece coisa da Damilola.

Enxaguando as mãos, ele as correu pelo cabelo, os fios pretos adquirindo um brilho azulado.

— É provável. Eu gosto muito da menina do sr. Amina. Fico feliz que ela logo vá fazer parte da família. Quem sabe ela consiga colocar um pouco de juízo na cabeça de Marina, já que nossa filha não costuma escutar ninguém.

Com as mãos em concha, ele se curvou sobre a tigela para lavar o rosto e salpicou várias gotas na nuca antes de friccionar o sabão nos braços até a altura dos cotovelos. Ao se endireitar, minúsculos diamantes de água escorreram pelo tórax, se escondendo na penugem escura.

Isso!

— Eu acho mais fácil a Nina conseguir arrastar a Lola para o lado sombrio da força — murmurei, hipnotizada pelo bailar das gotículas. — Ela não escuta nem o Sam, e isso diz muita coisa.

— Por falar no meu sobrinho, Samuel já mencionou quando retorna ao Brasil? Pelo que Lucas me contou na semana passada, ele já fez as provas finais. Imagino que tenha se saído muito bem, o que explicaria o fato de meu cunhado andar pela vila parecendo um pombo.

Ian puxou a toalha do suporte, secou o rosto e depois a esfregou pelo torso, atraindo minha atenção para o espetáculo dos bíceps se flexionando, o peito esculpido no estábulo se contraindo e relaxando, o estômago plano subindo e descendo devagar. Minha boca ficou mais seca que um cabelo descolorido vezes demais na ânsia de roçar os lábios em todos os lugares por onde a toalha passeava. E depois refazer o caminho com a língua...

Tá legal, o jovem Ian de vinte e um anos que eu conheci assim que caí — literalmente — em 1830 era de fazer o coração parar de bater. O Ian de agora ainda era, mas havia também um charme irresistível e sedutor, um convite ambulante ao pecado, e eu estava mais que disposta a me voluntariar para dar um rolê no inferno.

Meu marido notou que eu o comia com os olhos e jogou a toalha em algum lugar, um dos cantos da boca se elevando, as íris refletindo trovoadas prateadas conforme se aproximava da banquetta.

— Meu amor, eu sei que pretende chegar cedo na fábrica e voltar para casa o quanto antes. E nada disso vai acontecer se continuar me admirando desse jeito.

— Bom, eu estava na minha, toda inocente, terminando de me arrumar quando você começou a tirar a roupa. — Entortei o pescoço para ver seu rosto. — Tô desconfiada de que você esteja fazendo isso de propósito. Tá cansado de saber que eu me distraio fácil com esses seus... hã... predicados.

Achando graça, ele arqueou uma sobrancelha grossa.

— Predicados, Sofia?

— Eu sei. — Meus ombros arriaram. — Este século tá entrando nas minhas veias. Daqui a pouco eu vou me preocupar com o cardápio da semana e fofocar sobre os novos partidos para as nossas filhas. Me salva!

Rindo, ele me pegou pela mão e me puxou da banquetta para envelopar minha cintura com os braços. Meu corpo se colou ao dele de tal maneira que eu podia detalhar cada centímetro de Ian. E, ah, havia *muitos* centímetros para detalhar.

— Sabe o que estou pensando? — questionou com a voz rouca, enterrando o rosto no meu cabelo e fazendo algo totalmente indecente no meu pescoço.

— Que aquela ideia de intervenção médica vai ser necessária, no fim das contas?

Seu riso profundo fez cócegas em minha orelha.

— Eu estava pensando que você está vestida demais. — Ele recuou para escrutinar minhas faces lentamente.

— Como você faz isso? — suspirei, maravilhada.

— Isso o quê?

— Olhar para mim desse jeito, como se tivesse acabado de se apaixonar de novo?

O esgar de um dos cantos dos lábios acentuou as linhas finas ao redor dos olhos. A agitação dentro de mim enlouqueceu.

— Porque é o que acontece toda vez que olho para você. Me apaiono um pouco mais, não posso evitar. — Ele me capturou com um beijo.

O que eu podia fazer além de beijá-lo de volta? Ser beijada por Ian ainda era como morrer um pouquinho e tocar o céu. Não foi nenhuma surpresa acabarmos na cama, embolados como luzes de Natal.

Justo quando tudo o que me cobria era a fina chemise de algodão e as coisas ficavam realmente interessantes, alguém bateu na porta. E se repetiu outra vez, com um pouco mais de energia.

— Ian, a porta — gemi sob ele, me retorcendo com seu toque.

— Eu não escuto nada. — Ele pressionou os lábios famintos e impiedosos na curva de um dos meus seios, então desceu um pouco mais e foi *muito* difícil me concentrar em alguma coisa.

Tum-tum-tum!

— Senhores, eu sei que estão aí dentro — a voz da governanta passou por baixo da porta.

Cuspindo um palavrão, Ian deixou a cabeça pender sobre minha barriga. Beijou a pele sensível ao redor do umbigo antes de abaixar minha chemise até os quadris, rolar para o lado e correr uma das mãos pelo cabelo que eu tivera muito prazer em despentear. Precisou inspirar fundo algumas vezes tentando normalizar o fôlego. Acabou desistindo e ficou de pé. O problema foi que... humm... digamos que outras partes dele também estavam em posição de sentido.

— Deixa que eu vou. — Atirei o travesseiro para ele.

Pesquei o roupão florido pendurado na quina do espelho do toucador e passei os braços pelas mangas de seda, apertando o cinto em um nó. Espiei Ian na

cama, meio enrolado tentando vestir o paletó, o travesseiro sobre os quadris. Eu ainda ria ao girar a maçaneta.

— Bom dia, sra. Clarke. A senhora... — Madalena examinou meu roupão, meu cabelo, que devia estar uma bagunça desgovernada, então espichou o olhar para um Ian parcialmente vestido, ainda corado.

A mulher se engasgou, virando-se para o corredor, a nuca ainda mais rubra graças ao contorno dos fios cinza-claros que escapavam da touca.

Eu também não estava exatamente confortável...

— Aconteceu alguma coisa, Madalena? — indaguei.

— Pois foi o que eu vim descobrir. A srta. Marina recebeu um recado da srta. Damilola. Entrou em casa apenas para trocar de roupa e depois saiu desabalada com aquela égua brava. Pensei que ela tivesse mencionado algo aos senhores, mas... suspeito que estavam muito ocupados. — Ela ficou ainda mais vermelha.

Estranho. Não o fato de Madalena corar. A governanta baixinha de curvas generosas enrubescia à menor insinuação de um palavrão. Esquisito era minha filha mais velha sair assim tão cedo. Nina costumava se enfiar no estábulo até a hora do almoço. Era raro se afastar da fazenda antes de terminar com os cavalos.

— O que o bilhete da Lola dizia? — Firmei o nó do cinto, que ameaçou se soltar.

— E aquela menina me conta alguma coisa, senhora?

Suspirei.

— Vou falar com Analu. Talvez Nina tenha dito algo a ela.

— Não vai ter sorte. A srta. Ana Laura também saiu. Foi cedinho para o consultório do dr. Lucas. Como de costume, recusou que Isaac a levasse na carruagem. Não é adequado que uma jovem na posição e idade de Ana Laura ande sozinha por essas estradas, nem que fique enfiada naquele consultório o dia todo, lidando com vários tipos de doentes, incluindo os *cavalheiros* — enfatizou. — Minha Virgem Santíssima! Aquele local não é apropriado para uma dama.

— É óbvio que é, Madalena. Ana é muito boa com os curativos. Ela tem um talento natural para a medicina.

A mulher embrulhou as mãos no avental, bufando.

— Por que eu perco meu tempo tentando trazer a razão às mulheres desta família? Nenhuma de vocês escuta o que digo.

— Onde Marina pode ter ido a esta hora? — Ian questionou tão logo Madalena foi embora e eu encostei a porta.

— Não faço a mais vaga ideia. Será que aconteceu alguma coisa com a Lola ou com o seu Amina?

— É pouco provável. Marina teria nos procurado antes de sair se algo grave tivesse acontecido. Deve ter outro motivo. E, em se tratando da nossa filha mais velha, é questão de tempo até descobrirmos em que tipo de confusão ela foi se meter.

Eu quis discordar. Como jurei nunca mais mentir para ele depois de me envolver em uma pequena confusão que resultou na criação da minha fábrica de cosméticos, apenas mordi o lábio inferior.

— Espero que não envolva narizes quebrados de novo. — Já bastava a sra. Domingos me ameaçando com a sombrinha toda vez que nos cruzávamos pela rua da vila. A mulher não apreciou nem um pouco o novo desenho que Marina deu ao nariz do seu primogênito, depois de ele tentar beijá-la à força durante um baile.

Se recostando à cabeceira, meu marido abriu um sorriso amplo.

— De fato, Marina tem um belo gancho de esquerda. Limpo, preciso e eficaz.

— Você não devia parecer tão orgulhoso. — Mas eu mesma tinha dificuldade em manter a expressão séria.

— Um pai tem o dever de se orgulhar de uma filha que sabe se cuidar tão bem.

Cruzando os dedos atrás da nuca, a frente do seu paletó se separou, revelando o corpo mais lindo em que eu já pusera os olhos. Ian me admirou daquele jeito que fazia meus joelhos baterem e os pelos do meu corpo iniciarem uma animada *ola*.

— Venha para a cama, Sofia — proferiu a meia-voz. — Ainda temos um assunto a resolver.

— Temos, é? — Umedeci os lábios.

— Um assunto de extrema importância. — Esticando-se, ele me pegou pelo cinto do roupão e me derrubou na cama.

Nenhum de nós estaria tão distraído, livre e feliz se soubesse naquela época tudo o que estava por vir, conjecturei, piscando depressa conforme a lembrança desbotava e eu retornava ao quarto frio da minha filha.

Sim, foi na manhã daquele 15 de setembro de 1852 que meu conto de fadas começou a ruir.

Esfregando as costas da mão no nariz molhado, cravei o grafite no papel e permiti que outras lembranças me inundassem.